

IMPERIALISMO E DEPENDENCIA

COPYRIGHT © 1980

GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: Grupo Aurora

REVISÃO: Armandina Venâncio

CAPA: Carlos Clémen

DIAGRAMAÇÃO E COMPOSIÇÃO: Marcos Duarte

FOTOLITO: Maurício Pestana

Publicado por Acordo com
Iniciativas Editoriais — Lisboa

Direitos reservados por



global editora e distribuidora lt da.

R. José Antonio Coelho, 814 - Cep 04011 -

Fone: 549-3137 Caixa Postal 45329 - 01000 - V.

Mariana - São Paulo - S. P.

Impresso na Editora Parma
Rua da Várzea, 394 — São Paulo

N.º DE CATÁLOGO N.º 1208

NOTA DOS ADAPTADORES

O presente caderno, intitulado "Imperialismo e Dependência", debruça-se sobre a situação dos países subdesenvolvidos ou países do 3.^o Mundo. Procura-se mostrar que a trágica situação a que chegaram as populações que aí habitam se deve a um longo processo de exploração e dominação de que são e têm sido vítimas.

A análise do subdesenvolvimento não se pode desligar da do desenvolvimento, na medida em que são duas faces duma mesma realidade, a expansão do capitalismo a nível mundial, o funcionamento do sistema imperialista. Na medida em que este caderno se debruça principalmente sobre a situação dos países subdesenvolvidos, as análises aqui contidas permitem uma apreciação de conjunto.

INTRODUÇÃO

- 1. O “subdesenvolvimento” e o “círculo vicioso da miséria”**
- 2. “Desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”: duas faces da mesma moeda**

PRIMEIRA PARTE: O IMPERIALISMO

- 1. O desenvolvimento mundial do capitalismo e o terceiro mundo**
- 2. O Imperialismo: uma nova etapa do desenvolvimento capitalista**
 - a) O aparecimento dos monopólios.
 - b) O aparecimento do capital financeiro.
 - c) A exportação de capitais.
 - d) Formação dos monopólios internacionais.
 - e) Luta constante pela divisão do mundo entre as grandes potências.

SEGUNDA PARTE: A DEPENDÊNCIA

- 1. Introdução**
- 2. Razões da dependência do terceiro mundo**

- a) Tipos de produtos que o Terceiro Mundo exporta.
- b) Para onde exporta.
- c) O capital estrangeiro: elemento deformador da economia dos países do Terceiro Mundo.
- d) Dependência industrial e tecnológica: nova forma de dependência.

3. Os países dependentes são países explorados

- a) A exploração financeira.
- b) Exploração comercial: a deterioração dos termos de troca.

4. O desenvolvimento dos países dependentes é bloqueado

- a) Fatores externos.
- b) Fatores internos.

5. Dependência econômica e dependência política

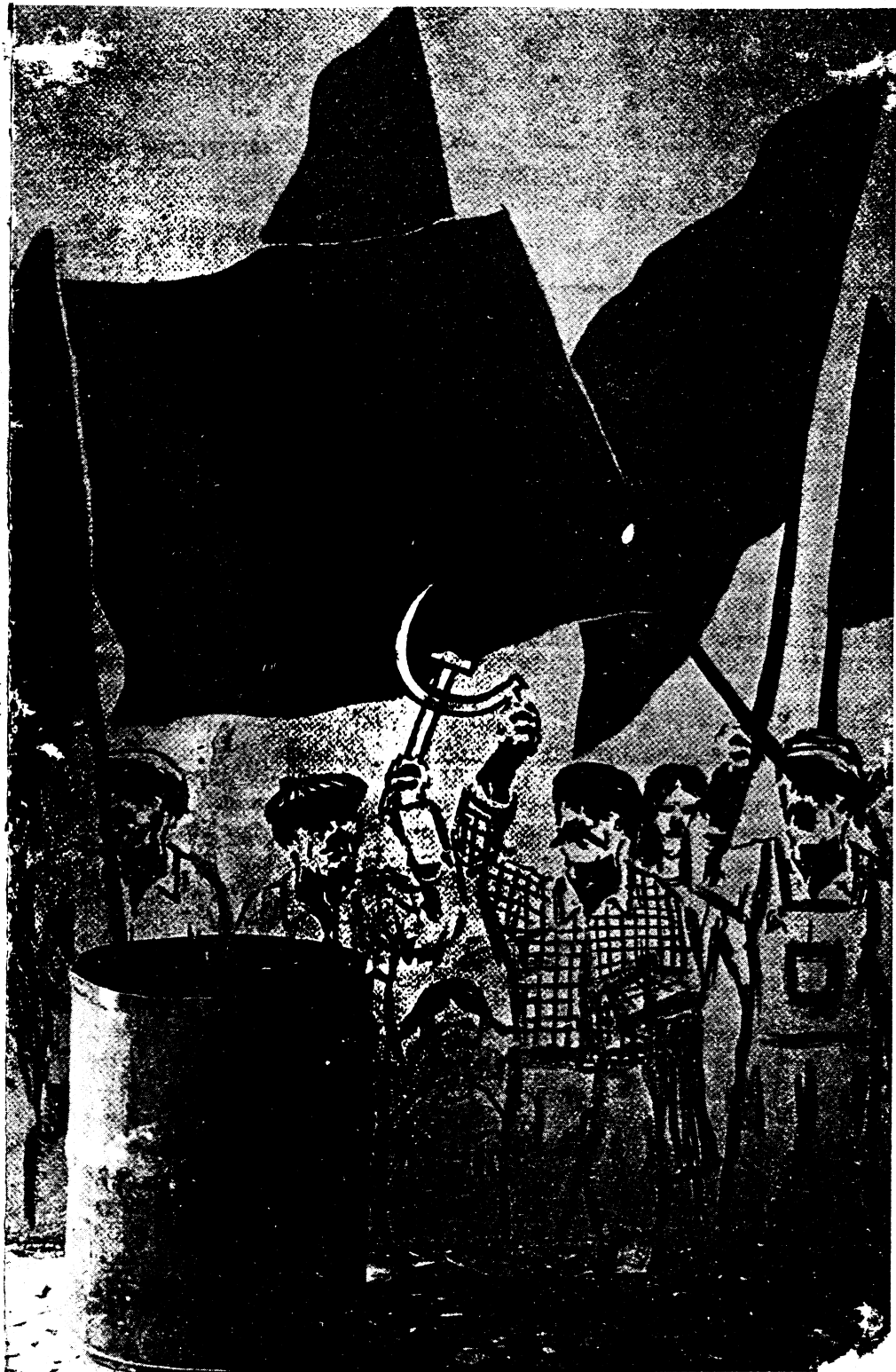
- A. O colonialismo.
- B. Neo-colonialismo.
 - a) As concessões econômicas.
 - b) As concessões político-militares.
 - c) A constituição de aliados internos.
 - d) As ações para dividir o movimento operário.
 - e) O apoio às ditaduras e movimentos reacionários.
 - f) As intervenções diretas.

CONCLUSÃO

RESUMO

QUESTIONÁRIO

BIBLIOGRAFIA



INTRODUÇÃO

1. O "subdesenvolvimento" e o "círculo vicioso da miséria"

Em pleno século XX, mais de metade da humanidade vive em condições de grande miséria. Cerca de 2/3 dos habitantes do chamado Terceiro Mundo não podem dispor das 2500 calorias por dia, tidas por indispensáveis à sobrevivência humana. Apesar de terem diminuído, as doenças epidêmicas e derivadas de carências nutritivas e higiênicas dizimam uma parte da população. As taxas de mortalidade apresentam valores 10 e 20 vezes superiores às dos países capitalistas. Os rendimentos de cada pessoa em média são extremamente baixos (10 a 80 vezes menores do que nos países capitalistas desenvolvidos) e as taxas de alfabetismo atingem com freqüência valores da ordem dos 80 a 90 por cento.

Como explicar esta situação?

Poder-se-á dizer que estes países são pobres em riquezas naturais?

Não. Antes pelo contrário. Estes países que ocupam mais de metade das terras do globo dispõem de enormes recursos em matérias primas minerais (ferro, manganésio, crómio, cobalto, alumínio, cobre e estanho), energéticos (petróleo e urânio) e agrícolas (madeira, algodão e borracha natural, produtos alimentares tropicais).

Como explicar então que se tenha chegado à atual situação de miséria em que vive a maior parte da população do Terceiro Mundo?

A teoria que correntemente se associa a esta pergunta é a explicação pelo chamado "círculo vicioso da miséria".

Defende que: "Os homens são pobres porque produzem pouco, e produzem pouco porque são demasiado pobres".

Vejamos quais são os fatores que leva em consideração esta maneira de explicar a situação e qual a solução a que ela conduz.

Em primeiro lugar esta explicação assinala que os recursos naturais são enormes, mas que os recursos humanos, sendo numerosos devido à explosão demográfica (1), são débeis do ponto de vista da produtividade do trabalho. Isto deve-se à fome, às enfermidades, ao analfabetismo, à falta de especialização da mão-de-obra, etc.

Em segundo lugar, considera o carácter pouco desenvolvido dos meios de trabalho, comparando-os com os que se usam nos países industrializados.

Em muitos países do Terceiro Mundo usa-se ainda o arado de madeira, por exemplo, enquanto que nos Estados Unidos e Europa usam-se tratores, debulhadoras, etc. Em muitos lugares o carro de tração animal é ainda o meio de transporte habitual dos camponeses, enquanto que nos países industrializados são as camionetas, os jeeps, etc. (2).

Segundo esta teoria, estes seriam os fatores que determinariam uma produção escassa, e que ao ser inteiramente consumida na subsistência da população, não permitiria poupar para reinvestir na produção, isto é, melhorar os

(1) Chama-se explosão demográfica ao enorme aumento de população que tiveram os países "subdesenvolvidos". Isto verifica-se devido ao fato de nascerem em cada ano mais pessoas, do que as que morrem.

(2) Mais adiante veremos que uma das características dos países "subdesenvolvidos" é combinar um alto desenvolvimento tecnológico em determinadas regiões, com grande atraso noutras.

meios de trabalho (a maquinaria, as instalações, os meios e vias de transporte, etc.), ou instalar novos centros de produção. Por estas razões, não se poderia elevar o nível de desenvolvimento econômico destes países para os aproximar dos mais "avançados".

Esta situação, agravada pelo aumento da população, o que significa mais pessoas para alimentar, vestir, educar, prestar assistência médica, etc., com base nos mesmos recursos, produziria uma estagnação no desenvolvimento econômico desses países, ou mesmo um retrocesso.

Seguindo a linha mestra desta teoria só restaria uma saída para poder romper esse "círculo vicioso da miséria": recorrer à "ajuda externa". Só mediante ela se poderiam fazer os investimentos necessários que produziriam o avanço econômico indispensável para encurtar a distância que os separa dos países "avançados".

Esta explicação parece muito lógica, muito racional, mas não nos responde à pergunta inicial: Porque é que os países do Terceiro Mundo são pobres e os países industrializados são os países mais ricos do mundo? Alguma falha deve haver nesta explicação que não permite responder a este ponto fundamental.

O que acontece é que esta explicação parte de dados estatísticos "estáticos", isto é, dados que apenas mostram as diferenças atuais entre os dois grupos de países. Limita-se, então, a descrever estas diferenças, concluindo que os países industrializados são países "muito desenvolvidos", e que os países do Terceiro Mundo, são países "pouco desenvolvidos" ou "subdesenvolvidos", já que eles não têm os mesmos altos níveis de vida ou de produção dos países avançados.

Todavia o que nos interessa saber é a razão porque os países industrializados se desenvolveram de uma forma tão rápida e os países subdesenvolvidos, em contrapartida, o têm feito com tanta dificuldade.

Para poder responder à nossa pergunta devemos passar da descrição a uma verdadeira explicação dos fatos. Não basta que descrevamos bem os sintomas de uma doença, é necessário que saibamos diagnosticar de que enfermidade se

trata para podermos curá-la. Para curar uma determinada dor de cabeça não nos é suficiente que o doente nos descreva a sua dor, é necessário que o médico estude e diagnostique a causa dela. Se a dor é devida a um tumor cerebral, de muito pouco servirá que o doente tome aspirinas para se aliviar, pois aquela só desaparecerá quando for operado o tumor.

2. “Desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”: duas faces da mesma moeda

Vejamos agora qual é a explicação científica da situação de atraso e escasso desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo.

Para isso, a primeira coisa que temos a fazer é abandonar a palavra “subdesenvolvimento”, porque esta palavra dá uma idéia errada da situação.

A palavra “país desenvolvido” é uma palavra nova que surgiu nos organismos internacionais depois da Segunda Guerra Mundial. Desde então o seu uso expandiu-se muito facilmente, devido ao fato de nestes países se darem as situações políticas e econômicas mais graves da segunda metade deste século.

Efetivamente é no curso destes últimos anos que os povos que constituem os países mais pobres, os mais deserdados e os mais numerosos da humanidade, têm tomado consciência da sua sorte e afirmam com uma força cada vez maior a sua vontade de alcançar um nível de vida mais elevado e a sua decisão de poderem beneficiar das possibilidades de desenvolvimento humano e social que oferecem a ciência e a técnica contemporâneas.

Mas esta palavra não é um termo científico exato, ela conduz a não nos interrogarmos acerca da origem do chamado “subdesenvolvimento”. Através do seu uso, a ideologia burguesa consegue ocultar as verdadeiras causas desta situação e, ao fazê-lo, impede-nos de encontrar os verdadeiros meios de a superar.

Com efeito, a palavra “subdesenvolvimento” sugere idéias falsas: faz pensar que estes países estão simplesmente

“atrasados” em relação aos chamados “países desenvolvidos” ou “avançados”. Isto é o que os dados estatísticos nos dizem: baixo rendimento per-capita, alta taxa de analfabetismo, alta taxa de doenças endêmicas, escasso número de médicos por habitante, etc.

Não há dúvida de que o nível de vida destes países é mais baixo do que o dos países industrializados, mas isto não está ligado ao fato daqueles estarem num estado de evolução menos avançado que o dos países industrializados.

Na realidade, os países chamados “subdesenvolvidos” têm evoluído ao mesmo tempo que os países desenvolvidos, mas não têm evoluído no mesmo sentido nem da mesma maneira. Isto é o que pretende ocultar a noção de “subdesenvolvimento”. Ela troca a verdadeira explicação — que tem de ser uma explicação histórica baseada numa análise científica — por uma simples descrição baseada em dados estatísticos (3).

Para compreender a origem da atual situação de miséria destes países, é necessário conhecer a sua história, e ao conhecê-la descobrimos que está ligada à história do desenvolvimento capitalista mundial.

Só estudando quais são as relações de produção e troca a nível mundial, poderemos explicar porque existem países pobres e países ricos e poderemos ver que a única saída desta situação é a **ruptura definitiva** com o sistema capitalista imperialista que é a origem real desta situação de dependência e exploração.

O “desenvolvimento” e o “subdesenvolvimento” são, portanto, as duas faces da mesma moeda: o desenvolvimento capitalista a nível mundial.

O conteúdo deste caderno pretende ser uma demonstração do que aqui estamos afirmando.

Estudaremos, numa primeira parte, o **imperialismo**, etapa atual do capitalismo nos países chamados “desenvolvidos”, e logo, numa segunda parte, a **dependência**, caracterís-

(3) Até aqui, grande parte deste assunto tem sido baseado na obra de BETTELHEIM, “Planejamento e Crescimento Acelerado”, “A Problemática do Subdesenvolvimento”.

tica fundamental da economia dos países chamados “subdesenvolvidos”.

PRIMEIRA PARTE: O IMPERIALISMO

1. O desenvolvimento mundial do capitalismo e o terceiro mundo

A partir do século XVI, os navegadores portugueses e espanhóis (e depois os holandeses, franceses e ingleses) chegaram à África, à Índia e ao Continente Americano. Os primeiros contatos foram de conquista militar, saque e pilhagem cuja extensão é bem patente na América do Sul onde os “conquistadores” espanhóis aniquilaram por completo a riqueza e civilização das sociedades nativas.

A partir dos núcleos de europeus estabelecidos nas zonas conquistadas e em feitorias comerciais construídas ao longo da costa, inicia-se uma fase de intenso comércio altamente lucrativo para os europeus e que lhes permitiu uma acumulação de riqueza. Na África os europeus compravam a algumas tribos escravos negros a troco de bugigangas e produtos de baixo valor. Vendidos na América do Sul estes negros eram utilizados pelos colonos europeus nas minas de ouro e prata e nas plantações e engenhos de açúcar, o qual era comercializado na Europa. Na Ásia os europeus encontram forte resistência da parte desses povos fortemente organizados e com grande poderio econômico e militar, que ad-



mitem o comércio, mas em pé de igualdade. Mas como os europeus pagam com os metais preciosos obtidos na América Latina através de pilhagens e do trabalho dos escravos e vendem as especiarias e tecidos orientais por preços elevados na Europa, também este comércio lhes é altamente rentável.

Durante todo este período a pilhagem, a troca comercial altamente desigual e a exploração do trabalho escravo deram origem, por um lado, ao empobrecimento das regiões assim exploradas, por outro lado à acumulação de enormes capitais pela burguesia dos portos e cidades européias. Esta acumulação foi também fator preponderante nas transformações econômicas e sociais que a Europa atravessa e que se traduziram no alargamento e domínio das relações de produção capitalistas e no crescimento da indústria capitalista.

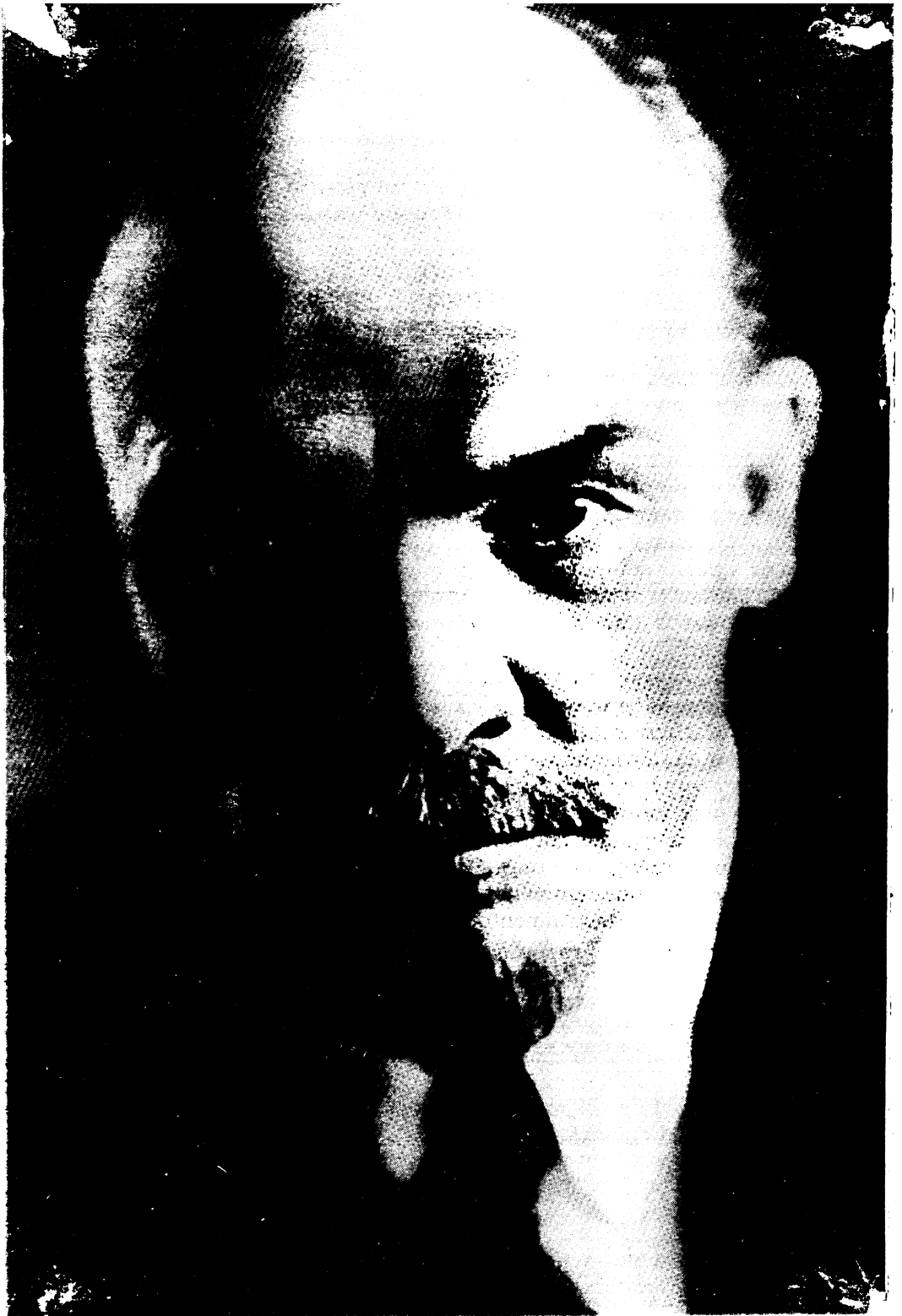
Com a revolução industrial do séc. XVIII na Europa, as relações comerciais entre os países hoje tidos por "desenvolvidos" e as regiões hoje tidas por "subdesenvolvidas" alterou-se um pouco. O Terceiro Mundo fornece a Europa de produtos agrícolas (chá, trigo, carne, açúcar, algodão) e obtém em troca produtos industriais de consumo corrente (texteis, basicamente). Ao Terceiro Mundo é assim atribuída uma função de fonte de matérias-primas e de mercado para produtos industriais, em relação aos países europeus. É nesta época e por este processo que surge a especialização internacional entre "países agrícolas" e "países industriais".

Este processo afeta preponderantemente o Terceiro Mundo, não só porque com a troca comercial desigual continua a exploração econômica, mas também porque os produtos a baixo preço das indústrias européias (e principalmente inglesas) destroem o artesanato local contribuindo para a desarticulação e destruição dessas sociedades, tornando inviável um processo de acumulação interno e autônomo capaz de transformar e desenvolver o respectivo aparelho produtivo.

Houve no entanto algumas regiões que puderam escapar a um tal processo. O Japão, porque esteve até muito tarde relativamente isolado da rede comercial dos europeus, realizou de forma independente a transição ao modo de produção capitalista. Os Estados Unidos porque foram colonizados mais tarde, já numa fase de expansão do capitalismo, por colonos ingleses que, ao instalarem-se aí, não encontraram populações numerosas (4) que pudessem escravizar ou riquezas que pudessem pilhar.

Com o desenvolvimento do capitalismo na Europa (e mais tarde nos E. U.A.) as indústrias necessitam expandir os mercados para os seus produtos e alargar as fontes de matérias-primas. Com este duplo objetivo acentua-se, em 1870-1880 um processo de extensão do domínio a regiões ainda não controladas pelo capitalismo e a divisão do globo em zo-

(4) E a que aí encontraram foi sendo empurrada para o interior e dizimada à medida em que a penetração dos brancos se ia dando.



nas repartidas pelas principais potências coloniais. Inicia-se assim a **fase imperialista de desenvolvimento do capitalismo**. Porque se trata de uma etapa que se prolonga até à atualidade e cria novas relações econômicas e políticas, **marcando de forma definitiva a situação de exploração e dependência do Terceiro Mundo**, este problema será agora objeto de referência mais detalhada.

2. O Imperialismo: uma nova etapa do desenvolvimento capitalista

O imperialismo não é um modo de produção diferente do capitalismo. É somente a sua etapa mais avançada. Nos 79 anos já passados deste século, o capitalismo não perdeu as suas características fundamentais, apesar das mudanças ocorridas no mundo capitalista. Continuam a vigorar as leis do capitalismo: a) o proletariado tem que continuar a vender a sua força de trabalho à burguesia; b) a burguesia emprega operários para se apropriar da mais-valia que eles produzem; c) o lucro continua a ser a finalidade última do capitalismo.

Juntamente com estas características gerais do modo de produção capitalista qualquer que seja a etapa, surgem a partir dos fins do século passado e começo deste século certas características que marcam a passagem a uma nova etapa dentro deste modo de produção.

Lenin, o melhor dirigente da revolução russa, estudou esta nova etapa, que denominou de **imperialista**. Seguindo o seu estudo podemos distinguir alguns traços fundamentais deste período:

- a) aparecimento dos monopólios.
- b) aparecimento do capital financeiro.
- c) exportação de capitais.
- d) formação dos monopólios internacionais.
- e) luta constante pela partilha do mundo entre as grandes potências.

a) O aparecimento dos monopólios

Os monopólios surgem devido à concentração da produção em grandes empresas com milhares de operários, das quais são donos alguns capitalistas (5). Atualmente mais ou menos um terço da produção capitalista mundial é monopolizada por 100 companhias dos Estados Unidos e outras 100 de outros países capitalistas.

Os monopólios começam a dominar a economia capitalista e procuram obrigar as empresas não monopolistas a incorporarem-se neles ou então as arruinam através de preços mais baixos. Uma vez estabelecidos como formas dominantes, os monopólios de um país procuram vencer os monopólios dos outros países no mercado mundial capitalista. Esta luta, que surge sob diversas formas, originou as guerras mundiais e as guerras de agressão imperialista do nosso tempo. Do mesmo modo, no interior de cada país, os monopólios concorrem entre si para dominar o mercado dentro de cada ramo de produção, e apropriar-se do máximo de mais-valia criada pelos operários de outros setores.

A concorrência capitalista continua a existir mas toma novas formas na etapa imperialista.

b) O aparecimento do capital financeiro

Como já vimos no CEP 3 não é só na indústria que as empresas se concentram e se formam monopólios. Também no setor bancário se assiste a um processo de concentração e surgem monopólios a partir do século XIX. Os bancos, sendo empresas capitalistas que se dedicam a emprestar dinheiro aos industriais, comerciantes e latifundiários e a financiar operações de tipo especulativo (especulação na bolsa, na compra e venda de terrenos e edifícios, etc.), também entram em concorrência uns com os outros.

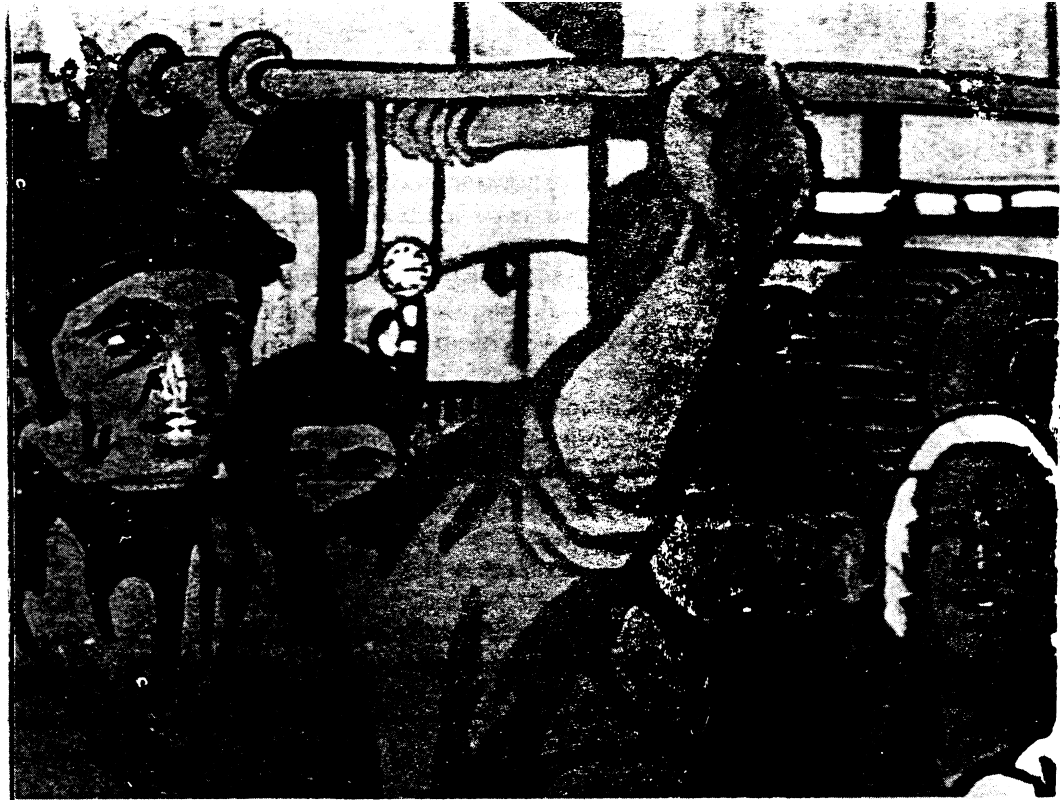
(5) Para compreender esta etapa do desenvolvimento capitalista e em especial dos monopólios, é necessário ler em primeiro lugar o Caderno N.º 3 MONOPÓLIOS E MISÉRIA.

Ora como sabemos, é a própria concorrência entre as empresas que origina a concentração. Esta tendência é acelerada pela concentração crescente das empresas dos outros setores. A formação de grandes empresas industriais com grande poderio obriga os bancos a seguirem um caminho semelhante. E podemos fazer igualmente o raciocínio inverso. Ao mesmo tempo dá-se um processo de interligação entre os dois setores. Os bancos compram ações dos monopólios industriais e estes adquirem ações dos bancos. Dá-se assim no começo do século XX (6), a **união do capital bancário e industrial**, a que chamamos **capital financeiro**. A camada da burguesia que controla este capital tem um grande poder econômico pelo que frequentemente é chamada **oligarquia financeira**. Como também vimos esta oligarquia entra em contradição com os pequenos e médios empresários não monopolistas. Nos Estados Unidos, por exemplo, 1 por cento da população possui 60 por cento de todas as riquezas do país. Os grupos econômicos mais poderosos, cujo poder se faz sentir em todos os países dependentes, são o Morgan, Rockefeller, Du Pont, Mellon, Bank of America, Cleveland, Chicago, First National City Bank e o Chase Manhattan.

c) A Exportação de capitais

Na etapa anterior ao imperialismo, os grandes países capitalistas dedicavam-se à **exportação de mercadorias**, especialmente produtos industriais. Com o predomínio dos monopólios financeiros torna-se mais importante a **exportação de capitais**. Com o fim de dar saída à grande quantidade de capital acumulado e com o objetivo de obterem o máximo de lucro, os monopólios passam a investir capitais noutros países, construindo grandes empresas, fundamentalmente de extração de matérias-primas, numa primeira fase. Deste modo, conseguem obter mercadorias a custos muito baixos, dado que a mão de obra, nestes países, é muito mais barata.

(6) Referimo-nos à generalidade dos países capitalistas dominantes. No Brasil este processo foi mais tardio. O capital financeiro só toma a forma de capital dominante na última metade da década de 60.



Ao mesmo tempo asseguram o controle das fontes produtoras de matérias primas necessárias para a produção industrial das metrópoles.

Outra forma de exportação de capitais é a concessão de empréstimos e a chamada "ajuda econômica" a outros países. Os juros cobrados por esta "ajuda econômica" são constituídos pelas riquezas extraídas a estes povos, tirando-lhes os recursos necessários ao desenvolvimento da economia do país dependente, constituindo um verdadeiro saque. Ainda por cima, estes empréstimos e esta "ajuda" são utilizados para pressionar politicamente o país saqueado.

De há uns tempos para cá, a exportação de capitais dirige-se fundamentalmente para o setor da indústria transformadora. Este novo interesse do capital imperialista desenvolve-se a partir da Segunda Guerra Mundial e manifesta-se de duas formas: o capital imperialista investe ou na indústria nacional que nasce nos diversos países ou na instalação

de sucursais nesses países (7). Isto permite aos países imperialistas, por um lado, controlar os setores vitais da economia de outros países, submetendo-os aos seus interesses, e, por outro lado, permite obter lucros superiores aos que seriam conseguidos com investimentos efetuados nos seus próprios países; com efeito, ao vender os seus produtos onde eles são produzidos as empresas gastam menos em transportes, pagam menos impostos e direitos, gastam menos em salários, conseguem controlar o mercado, vencendo facilmente a concorrência das pequenas indústrias nacionais, além de se aproveitarem dos recursos estatais que esses países destinam ao seu desenvolvimento (8).

d) Formação dos monopólios internacionais

A exportação de capitais generaliza-se numa etapa precisa do desenvolvimento capitalista: a etapa dos monopólios, na qual o agrupamento de capitalistas em Cartéis (9), Sindi-

(7) Criam-se assim as empresas multinacionais, que contando com sucursais em muitos países, conseguem recuperar rapidamente os prejuízos que possam sofrer em qualquer país. Esta situação é aproveitada para pressionar os países onde se instalam, embora haja o risco de terem de se mudar para outros países, afim de obter determinadas concessões. Um exemplo típico é a indústria automobilística.

(8) Como parte importante destes recursos estatais provêm da "ajuda externa" fornecida por estes mesmos países imperialistas, resulta daí que eles se ajudam a si próprios, ficando os países pobres, por sua vez, endividados.

(9) O Cartel é uma associação de capitalistas baseada num acordo sobre a distribuição de mercados, preços únicos, partilha de matérias-primas, condições de contratação de mão de obra, unidade de cálculo para o lucro, limitação da produção e estabelecimento de uma quota de produção e venda para cada um dos associados do Cartel. No entanto a concorrência entre as empresas que constituem o Cartel torna esta aliança pouco sólida, principalmente em períodos de crise.

catos (10), e Trusts (11) domina já amplos setores da economia da metrópole. A exportação de capital para os países coloniais e semi-coloniais é a exportação do capital monopolista.

Neste momento, a nível internacional formam-se os **grandes trusts internacionais** que monopolizam a produção de matérias-primas em escala mundial. Como a concorrência entre estes trusts tem conseqüências desastrosas para os preços e taxas de lucro, estes trusts tiveram que chegar a acordos capitalistas a nível internacional que fixam e limitam a produção total, que asseguram a cada sócio uma quota precisa da produção, repartindo o mercado em zonas de venda exclusivas e de **apropriação exclusiva** de matérias primas, aplicando sanções a quem não cumprir esta regulamentação.

O número de cartéis ou monopólios internacionais não tem parado de crescer desde os fins do século XIX.

Deste modo, o **controle dos monopólios a nível internacional é maior que o controle monopolista nos próprios países de origem.**

e) **Luta constante pela divisão do mundo entre as grandes potências**

Ora bem, apesar dos acordos que os monopólios internacionais estabelecem quanto à repartição das diversas zonas

(10) O Sindicato constitui uma aliança de capitalistas na qual a venda da produção de todos os seus participantes, assim como a compra de matérias-primas, se processa através de um organismo central, o que permite vender mais caro e comprar mais barato. Por conseguinte os participantes dos Sindicatos perdem a sua autonomia comercial; nisto reside a sua diferença dos cartéis.

(11) O Trust é uma aliança de capitalistas cujos componentes perdem por completo a sua independência produtiva, comercial e jurídica, convertendo-se em sócios possuidores de ações segundo o valor das suas empresas.

O Trust é encabeçado por uma companhia especial (a chamada holding company), ou por uma das maiores empresas que o constituem. A direção regula a produção, determina as condições de venda e os preços, decide sobre a distribuição dos lucros, etc.



de influência no mundo, as contradições do imperialismo não desaparecem e podem inclusive originar conflitos armados, como o demonstram as duas guerras mundiais, que foram guerras de caráter imperialista.

O conjunto de países dependentes, semi-coloniais e coloniais formam o **Sistema Colonial do Imperialismo**. Estes países dominados pelas grandes potências só se desenvolvem economicamente nos setores que os monopólios internacionais estão interessados em explorar, geralmente os ligados à extração de matérias-primas e alimentos, ainda que, como já assinalamos e veremos mais adiante, nestas últimas décadas tenha havido alterações no que se refere aos setores dominados.

A indústria destes países não se desenvolve de acordo com todas as suas potencialidades nem em função dos interesses nacionais. As massas populares e alguns setores da burguesia veem-se constrangidos às imposições e condicionamentos ordenados pelas empresas monopolistas estrangeiras. Devido a isto vai-se ampliando e organizando a luta anti-imperialista e aumenta o ódio tanto contra as forças reacionárias internas que defendem os interesses dos monopólios estrangeiros, como ainda contra estes últimos, que são a causa direta da distorção da economia e do conjunto da vida nacional.

Os países imperialistas investem importantes somas de dinheiro na indústria bélica, tanto para manter debaixo do seu domínio determinadas regiões do globo contra os interesses de outras potências imperialistas como também para lutarem contra os movimentos de libertação nacional que surgem cada vez com mais força a nível mundial, estimulados pelas revoluções socialistas vitoriosas (12).

(12) A produção bélica é antes de mais nada uma necessidade interna da economia dos países imperialistas. Os enormes capitais acumulados não podem ser totalmente investidos na produção de bens de consumo, devido ao fato do mercado capitalista se encontrar constantemente limitado pelas possibilidades de compra da população, que são sempre menores que a capacidade produtiva. A produção bélica permite investir capitais, empregar mão-de-obra, consumir meios de produção, o que no seu conjunto contribui para ativar a economia sem produzir para o mercado interno. Além do mais o sistema cria constantemente nova procura à medida que os produtos bélicos são consumidos, quer o sejam nas guerras ou na corrida internacional ao armamento.

Este potencial bélico é utilizado para pressionar politicamente os países "subdesenvolvidos". Muitas das vezes não emprestam dinheiro ou não investem capitais sem antes estabelecerem acordos militares que lhes assegurem o controle político destes países.

SEGUNDA PARTE: A DEPENDÊNCIA

1. INTRODUÇÃO

Na primeira parte deste texto estudamos o desenvolvimento capitalista dos países "avançados", e detivemo-nos especialmente na sua **etapa imperialista**, já que esta se prolonga até aos nossos dias e marca de uma forma definitiva o desenvolvimento dos países dominados.

Nesta segunda parte iremos ver a outra face da mesma moeda. Vamos estudar o desenvolvimento capitalista partindo do ponto de vista dos países "atrasados" ou "subdesenvolvidos" e demonstraremos então, como o **processo de desenvolvimento capitalista a nível mundial** é o fator que vai explicar a situação atual do Terceiro Mundo.

Começaremos por analisar, uma a uma, as razões da dependência econômica desses países, para indicarmos quais são as relações de exploração que se estabelecem entre os países dependentes. Veremos, então, como esta situação de dependência e exploração conduz à estagnação do desenvolvimento destes países. Por fim, analisaremos como esta dependência econômica se apoia, e, por sua vez, desenvolve uma determinada dependência política.

2. Razões da dependência do terceiro mundo

a) Tipo de produtos que o Terceiro Mundo exporta

Os países "subdesenvolvidos" caracterizam-se pelo fato de só exportarem uma **pequena variedade de produtos**, em geral **produtos primários** (13).

O café, por exemplo, representa cerca de 50% das exportações do Brasil, 60% dos Camarões, 66% da Colômbia. O petróleo bruto representa 90% das exportações do Iraque, o cobre 65% do Chile, o estanho 55% da Bolívia.

Em relação a Angola, os 4 principais produtos de exportação são o café, os diamantes, o minério de ferro e o petróleo bruto, isto é, todos produtos primários, sem qualquer transformação industrial. Estes 4 produtos representavam em 1970 cerca de 75% do valor total das exportações.

Estes países são, portanto, "monoexportadores" de produtos primários.

Atualmente, alguns países "subdesenvolvidos" têm feito um grande esforço no sentido de diversificarem as suas exportações, estabelecendo intercâmbio comercial com um grande número de países, especialmente com os países socialistas.

b) Para onde exporta

Na grande maioria dos casos, não somente é muito limitado o número de produtos que os países do Terceiro Mundo exportam — nunca mais do que um, dois ou três produtos ocupam um lugar de relevância nas suas exportações — como, ao mesmo tempo, são muito escassos os países aos quais vendem esses produtos e aos quais compram produtos industriais. Na América Latina, o país cuja penetração econômica e política se torna dominante depois da I Guerra Mundial são os Estados Unidos. Essa penetração consolidou-se através da "Aliança Para o Progresso" e da "Organização dos Estados Americanos". Nestas organizações todos os países estão representados numa base de igualdade. Todavia existe um desequilíbrio real de forças entre estes países. Os Estados Unidos, país imperialista que domina os

(13) Produtos que se extraem diretamente da natureza: minerais, alimentos, etc.

mercados externos dos países latino-americanos, utilizam as mais variadas formas de pressão afim de obter vantagens para si em desfavor do desenvolvimento destes países (14).

Esta situação não se verifica apenas na América Latina. Cerca de 75% das exportações totais do 3.º Mundo têm como destino os países capitalistas desenvolvidos. Em relação a Angola, por exemplo, um grupo de apenas 5 países (Portugal, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Holanda) constituiu o mercado de 70% das exportações angolanas em 1970.

c) O capital estrangeiro: Elemento deformador da economia dos países do Terceiro Mundo

O capital estrangeiro que se instala no Terceiro Mundo desenvolve somente os setores de atividade econômica que convêm ao seu próprio país, (a metrópole imperialista), e só nas regiões que lhe convêm.

A atividade econômica de Angola baseia-se nos quatro produtos que já referimos (café, diamante, minério de ferro e petróleo em bruto). Compreende-se pois que a maior parte dos investimentos privados e públicos sejam feitos nas indústrias extrativas e na construção de estradas de ferro e portos necessários para a exportação desses produtos para os países imperialistas onde serão transformados. Deste modo os países imperialistas ganham de duas maneiras. Ganham ao conseguirem as matérias primas de que necessitam em abundância e a baixo preço. E ganham ainda ao exportarem para Angola a maioria dos produtos industriais (desde vestuário a máquinas para a indústria) que esta tem de importar nas condições e aos preços que lhe são impostos.

Esta política levada a cabo pelos países "avançados" produz uma deformação do desenvolvimento dos países ditos subdesenvolvidos: isto é, produz um desenvolvimento exagerado de alguns ramos de produção e de algumas cida-

(14) No ponto n. 5 desta Segunda Parte, "Dependência econômica e dependência política", desenvolveremos mais aprofundamente este tema.

des, especialmente as que têm portos. Em suma, desenvolvem-se aqueles centros que estão mais ligados à atividade econômica da potência imperialista, permanecendo o resto do país num nível de desenvolvimento muito baixo.

A existência no mesmo país de zonas muito desenvolvidas juntamente com zonas de escasso desenvolvimento econômico, por exemplo o norte-nordeste em relação ao centro-sul, é uma das deformações que caracteriza o desenvolvimento dependente dos países "subdesenvolvidos." Esta situação é um efeito da ação do capitalismo mundial, o imperialismo, e não a causa do "subdesenvolvimento" do Terceiro Mundo.

**d) Dependência industrial e tecnológica:
nova forma da dependência**

Nos últimos anos, depois da 2.^o Guerra Mundial, começou a diminuir a procura de matérias-primas. Por outro lado, devido à crise dos anos 30, em muitos países dependentes começou a desenvolver-se um setor industrial que produz para o mercado interno e tende a substituir os bens de consumo que até aí importavam. Ao mesmo tempo dá-se um rápido desenvolvimento tecnológico nos países imperialistas o que os obriga a renovar em prazos cada vez mais curtos a sua maquinaria, pondo de lado as máquinas ainda em perfeito estado de continuarem a produzir. Devido a este fato é estimulada a exportação de maquinaria e equipamentos que passaram de moda nos países "avançados", mas que contudo significam um grande avanço tecnológico para os países do Terceiro Mundo.

Deste modo, o capital estrangeiro é levado a instalar-se cada vez mais no setor das indústrias transformadoras. Este setor econômico tinha estado, desde a crise mundial dos anos 30, nas mãos da burguesia nacional, que rapidamente se vê afastada por pressão do capital imperialista e da sua tecnologia. Para poderem subsistir, as diversas burguesias nacionais não têm outra via senão a de se aliarem com o capital imperialista, perdendo assim o seu caráter nacionalista. Estas burguesias não desenvolvem, a economia do seu pró-

prio país, pelo contrário, as possibilidades que elas abrem ao desenvolvimento do país, conduzem-no a uma dependência cada vez maior face ao capital imperialista. Por outro lado, estas burguesias monopolistas e pró-imperialistas entram, além do mais, em **contradição** com os setores da pequena e média burguesia que sofrem as conseqüências da sua exploração monopolista.

A esta dependência da indústria dos países "subdesenvolvidos", devida aos empréstimos e investimentos de capital estrangeiro chama-se **dependência industrial**. O controle da indústria por parte dos países imperialistas faz com que o seu desenvolvimento passe cada vez mais a servir os seus interesses imperialistas e não os dos países do Terceiro Mundo. Isto determina que esse setor da economia dos países "subdesenvolvidos" deva adaptar-se ao ritmo e à forma com que se desenvolve a indústria dos países "avançados", o que implica a utilização da tecnologia que esses países não produzem. Criam-se, deste modo, as condições de uma nova forma de dependência: **a dependência tecnológica**. As indústrias dos países "subdesenvolvidos" não podem produzir sem as máquinas, os sobressalentes, as fórmulas de produção, etc. dos países "desenvolvidos". Os países dependentes não só têm que gastar grandes somas na compra desta maquinaria moderna, como também têm que pagar os chamados "serviços tecnológicos", isto é, os direitos a usar estas inovações (15), os técnicos que montam as instalações, etc.

À **dependência comercial** (produtos que se compram e vendem aos países imperialistas) e à **dependência financeira** (empréstimos, investimentos, etc.) juntou-se, nos últimos anos, a dependência industrial e tecnológica.

A dependência tecnológica é uma das amarras mais fortes que prendem os países dependentes, aos imperialistas. A revolução anti-imperialista de Cuba sentiu na própria carne o que significa o bloqueio comercial imposto pelos E. U. A., no que diz respeito a sobressalentes e peças para a maquina-

(15) A esta soma de dinheiro, que corresponde ao pagamento das patentes de invenção destas inovações técnicas, chama-se vulgarmente *royalties*.

ria da sua indústria, veículos motorizados, agricultura mecanizada, etc.

Além de ir aumentando regularmente o dinheiro que se paga por serviços tecnológicos, à medida que os anos vão passando estes serviços vão-se alargando a outros ramos industriais. Alguns deles como a química pesada, a energia nuclear e a eletrônica, dependem totalmente da tecnologia estrangeira.

A introdução de uma tecnologia tão avançada em países de escasso desenvolvimento econômico produz graves efeitos de distorção na economia, entre outros, a rápida extinção das pequenas indústrias, que já não podem competir com as indústrias modernas. Isto produz o desemprego de uma crescente quantidade de mão-de-obra, despedida pelas pequenas empresas que desaparecem. Estes trabalhadores na sua maioria, não conseguem trabalho nas grandes empresas, as quais, devido ao seu alto nível tecnológico, utilizam uma quantidade menor de trabalhadores do que as empresas tecnologicamente mais atrasadas.

3. Os países dependentes são países explorados.

A finalidade suprema do sistema capitalista é a obtenção do máximo lucro. Na sua etapa imperialista, essa finalidade expressa-se de forma clara nas relações que se estabelecem entre os países imperialistas e os países dependentes. Através destas, os países dominantes esforçam-se por obter dos países subdesenvolvidos sempre mais do que aquilo que investem. Conseguem pôr em prática esta exploração, principalmente através de dois mecanismos:

a) A exploração financeira

Os investimentos e empréstimos que as potências imperialistas concedem aos países "subdesenvolvidos" não se efetuam para "ajudar" estes países a desenvolverem-se, antes pelo contrário, destinam-se a obter o máximo de lucros nesses países.

Os lucros auferidos pelos imperialistas não ficam nesses países, são exportados para os países imperialistas.

Assim, por exemplo, entre 1950 e 1965 os Estados Unidos realizaram investimentos diretos no Terceiro Mundo num total de cerca de 9 bilhões de dólares e repatriaram para os Estados Unidos cerca de 25 bilhões de dólares a título de rendimentos sobre esse capital investido. Isto é, o capital imperialista extraiu do Terceiro Mundo quase o triplo do capital que investiu nesse período.

Por este processo os países subdesenvolvidos são obrigados a destinar uma quota-parte (muitas vezes bastante importante) das suas exportações para pagamento dos lucros e juros do capital imperialista. Deste endividamento externo resulta uma situação de dependência que os países imperialistas aproveitam para obter ainda mais regalias, aumentando também em consequência a dependência e exploração do Terceiro Mundo.

Um claro exemplo disto é constituído pela política de "ajuda externa" do governo norte-americano aos países "subdesenvolvidos", cujo objetivo principal é criar uma situação favorável aos negócios dos grandes monopólios.

Os "homens de negócios" norte americanos e os seus dirigentes políticos reconhecem-no publicamente: para eles o seu único interesse é fazer "um uso astuto das instalações entregues pelos programas de ajuda" (16). Reconhecem igualmente que os empréstimos e técnicos que enviam para o Terceiro Mundo ajudam a vender os seus produtos... "Os empréstimos... financiam a introdução e intensificação do uso dos produtos norte-americanos... Os técnicos que se vão especializar nos E. U. A., chegam a assumir posições de chefia nos seus próprios países e a sua familiarização com as idéias e os produtos norte-americanos, é útil (17)".

(16) "Comitê de Auxílio, Comércio e Investimento nos países subdesenvolvidos, do Conselho nacional de Fomento das Exportações", Fevereiro de 1966. Citado por Hyson e Strout: "Impact of Foreign Aid on U.S. Exports", *Haward Business Review*, Janeiro-Fevereiro 1960, pág. 66.

(17) William Gaud (administrador da AID), citado em: "A Review of Balance of Payment Policies".

b) Exploração comercial: a deterioração dos termos de troca

Após a 2ª. Guerra Mundial numa forma geral os preços dos produtos primários têm baixado. Isto acarreta consequências muito graves para os países "subdesenvolvidos", pois estes países exportam produtos primários e importam produtos industriais. Ao baixar o preço dos primeiros, têm menos possibilidades de importar bens manufaturados, máquinas e instrumentos de produção, tão necessários para o seu desenvolvimento.

O Brasil, por exemplo, em 1962 precisava de uma quantidade de café dupla daquela que era necessária em 1955 para poder importar um trator. E isto agrava-se se pensarmos que metade das exportações do Brasil são constituídas por café.

Também em relação a Angola é notória a deterioração dos termos de troca, tendo as exportações angolanas perdido cerca de 80 a 85% do respectivo poder de compra em termos de produtos importados.

E para o conjunto do Terceiro Mundo, entre 1951 e 1960 a diminuição do preço das matérias-primas foi de 11% para os cereais, 22% para a carne, 33% para o café, 47% para o açúcar, 46% para a lã, 29% para o cobre, 20% para o estanho (18).

Os esforços empreendidos por organismos internacionais para organizar o mercado e melhorar os preços dos produtos primários não têm dado grandes resultados até este momento. Facilmente se entende as razões: isso prejudicaria as grandes potências, que são as que tiram proveito desta situação.

4. O desenvolvimento dos países dependentes é bloqueado

O resultado desta situação de dependência e exploração é o bloqueio ou obstrução ao desenvolvimento destes

(18) "AMÉRICA LATINA", n.º especial da revista "Recherches Internationales à la Lumière du Marxisme". Paris, 1962, N.º 32.

países. As formas através das quais esta situação produz um tal estrangulamento são várias. Iremos agrupá-las em fatores externos e fatores internos.

a) Fatores externos

Podem-se distinguir dois tipos de fatores externos: os que atuam espontaneamente e os que correspondem a uma ação planejada de bloqueio.

Atua de forma espontânea, isto é, deriva do desenvolvimento próprio do capitalismo, o fato de que seja cada vez maior a parcela de riqueza que os imperialistas obtêm dos países do Terceiro Mundo, devido às relações imperialistas predominantes. Aquele desenvolvimento determina que a deterioração dos termos de troca atue continuamente e que os capitais estrangeiros obtenham cada vez maiores lucros.

Todavia a estes fatores espontâneos de bloqueio conjuga-se a ação planejada do imperialismo, resultante da sua oposição ao desenvolvimento dos países dependentes. Tal se verifica, por exemplo, através da apropriação das melhores terras e de reservas minerais cujos produtos são exportados em estado bruto; utilização das possibilidades de influência que lhes dá a dominação dos aparelhos políticos, bancários, monetários, financeiros, comerciais, etc., para obter condições extremamente favoráveis aos seus investimentos.

b) Fatores internos

Os fatores internos que ajudam a bloquear o desenvolvimento são o resultado da situação de dependência e exploração, em que se encontram os países do Terceiro Mundo.

Esta situação determina que o fator fundamental de bloqueio, a nível econômico, seja a débil acumulação desses países, isto é, a escassa quantidade de dinheiro que pode ser destinado para melhorar e ampliar a produção.

A débil acumulação deve-se, em parte, como já vimos, ao quinhão cada vez maior que obtêm os imperialistas. No

entanto, ela deve-se também ao baixo nível de produtividade do trabalho ou baixo rendimento deste, porque se realiza em fracas condições técnicas e humanas. Este baixo nível, herdado de uma acumulação débil do passado, só permite obter um excedente econômico muito escasso, o que implica um fraco investimento.

Conjuga-se com esta fraca acumulação a sua má utilização. Os fatores internos que produzem este mal são: falta de emprego, o subemprego, salários baixos, etc., já que segundo o ponto de vista da empresa privada, esta não vê vantagens em investir capitais para melhorar a produtividade do trabalho. Com efeito, quando se pode dispor de uma mão-de-obra barata e abundante, não existe estímulo para investir em maquinaria mais moderna, e, portanto, não é estimulado o progresso técnico (19).

Entretanto, aos fatores econômicos juntam-se-lhes fatores sociais importantes.

Nos países do Terceiro Mundo existe uma população muito numerosa que sofre diariamente as condições de "subdesenvolvimento", enquanto que um setor minoritário da população goza de níveis de vida muito altos, usufruindo de todas as comodidades oferecidas pelo mundo capitalista desenvolvido. Este setor social compõe-se de latifundiários, nos países que não realizaram ainda uma reforma agrária, e da burguesia monopolista ligada ao imperialismo, como já assinalamos anteriormente.

Esta burguesia não pode ser classificada como "burguesia nacional", pois está intimamente ligada ao imperialismo, os seus interesses tendem a ser os interesses do país imperialista e, portanto, não possui nenhum projeto de desenvolvimento econômico verdadeiramente nacional que possa oferecer. O seu caráter monopolista e pró-imperialista fá-la entrar em contradição com os outros setores da burguesia: os capitalistas pequenos e médios que sofrem a exploração dos monopólios "nacionais" e estrangeiros.

Enquanto um grupo destes capitalistas é forçado a de-

(19) Até aqui, grande parte desta alínea foi baseada no livro de Ch. Bettelheim: "Planejamento e Crescimento Acelerado".

saparecer devido à concorrência e força dos monopólios, outros sobrevivem submetendo-se às condições que eles lhes impõem, outros ainda aparecem com o desenvolvimento dos monopólios, já que estes dão trabalho a muitas pequenas e médias indústrias complementares da produção monopolista. As grandes empresas da indústria automobilística, por exemplo, dão origem a muitas pequenas indústrias: reparações, fabricação de acessórios, etc... Os operários destas indústrias são duplamente explorados. Além da mais-valia que vai parar nas mãos do pequeno e médio capitalista outra parte é acumulada pelos monopólios que dominam estas empresas.

Portanto, os interesses desta burguesia monopolista **“nacional” contribuem para o bloqueio ao desenvolvimento e acentuam a dependência dos países “subdesenvolvidos” em relação ao imperialismo.** Estes capitalistas monopolistas **“nacionais”** tendem a produzir pouco e somente para o consumo de objetos de luxo por parte duma fração pequena da população. Por outro lado, enquanto podem, enviam para o estrangeiro o dinheiro acumulado, para evitar o controle interno e o pagamento de impostos. Por fim, fomentam a penetração de capital estrangeiro no setor da indústria transformadora, formando empresas mistas com ele, pois sabem que só com o alto nível tecnológico que este capital traz, estarão em condições de competir com as indústrias de outros países do Terceiro Mundo.

Por estas razões a luta contra o imperialismo e o subdesenvolvimento nos países do Terceiro Mundo não pode ser dirigida pelas chamadas **“burguesias nacionais”**.

Os processos de libertação nacional devem ser dirigidos contra o imperialismo e os seus aliados internos: os capitais monopolistas e os grandes latifundiários. **A luta de libertação nacional só sairá vitoriosa se for dirigida pelo proletariado, única classe capaz de lutar contra todo o gênero de exploração e capaz de unificar todo o povo em torno dos seus objetivos.**

ABAIXO A
EXPLORAÇÃO
CAPITALISTA



5. Dependência econômica e dependência política

A existência de laços de dependência econômica implica a existência de formas (mais ou menos claras, conforme as circunstâncias) de dependência política, as quais são a garantia da continuidade e reforço das relações de exploração. Importa neste sentido, distinguir as relações coloniais das relações neocoloniais.

A. O colonialismo

As relações coloniais constituem a forma mais clara e direta da ligação entre a dependência econômica e a dependência política. A colônia não constitui um país independente, é antes uma possessão onde o país colonizador impõe instituições econômicas e políticas cuja finalidade primordial é servir de base à exploração das riquezas naturais e à exploração da força de trabalho das populações locais.

A imposição do domínio político da metrópole colonizadora e a criação da Administração colonial local foram precedidas por campanhas militares de conquista de territórios e submissão das populações, como foi o caso, por exemplo, da colonização portuguesa na África.

Embora os portugueses tenham atingido as costas da África no século XV, o avanço e a ocupação da maior parte do território do interior não se efetuou antes da segunda metade do século XIX. É durante este século e as primeiras décadas do atual — mesmo até depois da I Grande Guerra — que se intensificaram as campanhas militares de ocupação. No caso da Angola, a conquista militar desenrolou-se em grande parte durante os cinquenta anos que decorrem entre 1868 e 1918. Em algumas regiões foi necessário repetir diversas vezes as operações armadas, antes de conseguir esmagar a resistência dos povos. Em Moçambique é exemplo, entre outras em 1895 a derrota militar do Gungunhana, pequeno soberano africano que se opôs com o seu povo à ocupação das tropas portuguesas, e que Mouzinho de Albuquerque

que exibiu em Lisboa, como símbolo da conquista militar e submissão das populações africanas.

As campanhas dos séculos XIX e XX não foram as únicas operações militares dos portugueses na África. Desde cedo os portugueses tinham empreendido guerras contra os povos africanos, mas sem penetrar profundamente no interior. O objetivo, até meados do século XIX era fundamentalmente obter escravos para alimentar o comércio negreiro. Muitos milhares de africanos foram embarcados com destino ao Brasil, S. Tomé e Príncipe, etc. A guerra permitia obter esses escravos quando não era possível obtê-los de outro modo. Simultaneamente ia enfraquecendo o poder dos reinos que existiam organizados na África antes da chegada dos portugueses e com que estes foram estabelecendo relações.

Até meados do século XIX a única atividade digna de nota empreendida pelos portugueses na África foi o comércio negreiro. As tentativas de organização econômica além da sangria de mão-de-obra escrava, como foi, por exemplo, a do governador de Angola F. I. Sousa Coutinho (1764-1772), não tiveram continuidade. Só no século XIX devido às pressões da Grã-Bretanha para que Portugal proibisse o comércio de escravos nas colônias, e com o triunfo do liberalismo em Portugal se promulgaram as medidas legislativas para lhe pôr fim. Na segunda metade do século XIX o comércio de escravos persistia, clandestino, mas tornava-se claro que acabaria por extinguir-se. Note-se que o embarque de mão-de-obra para as plantações de S. Tomé continuou ainda no século atual, sob forma disfarçada, e apesar das dificuldades e problemas diplomáticos — sobretudo com a Grã-Bretanha, — a que deu origem. No entanto tornava-se necessário introduzir novas formas de exploração, que substituíssem o comércio de escravos que declinava. Da África, poder-se-iam obter matérias primas para a indústria portuguesa — como o algodão, por exemplo — e produtos para alimentar o comércio externo. Por outro lado, seria útil abrir um vasto mercado na África para os produtos portugueses — como tecidos e vinhos. Para atingir estes objetivos era necessário controlar as populações africanas obrigando-as a trabalhar

para os portugueses, seja nas plantações, minas e obras públicas dirigidas pelos europeus, seja tornando obrigatório a cultura e venda de produtos que mais interessavam o comércio português. As campanhas militares do século XIX e princípios do século XX tiveram como objetivo estabelecer as bases destas novas formas de exploração, levando-as o mais possível para o interior e instalando uma organização permanente, militar e administrativa que permitisse o desenvolvimento da exploração econômica. Este projeto de colonização obrigava as populações a diminuir o tempo utilizado na produção dos meios próprios de subsistência, e em certas regiões, a abandonar as melhores terras em proveito dos europeus.

Uma outra razão existiu nesta época para levar a efeito as campanhas militares e a ocupação efetiva do território: o interesse crescente dos países imperialistas europeus — Grã-Bretanha, Alemanha, França, Bélgica — em constituir colônias próprias na África. No sul de Angola, por exemplo, as operações militares tiveram o duplo objetivo de submeter as populações que resistiam e de demarcar a linha de fronteira com a colônia alemã a sul, mediante a construção de fortes. A presença de pretensões de outros países na África pôs em causa os interesses portugueses e deu origem a grande atividade diplomática e a numerosos conflitos e incidentes. É exemplo o ultimatum inglês, em 1890, quando o projeto português de ligar Angola a Moçambique se comportou com os interesses ingleses nessa região interna da África. Este conflito revelava uma outra questão: a situação de dependência de Portugal relativamente à Inglaterra e a sua posição de segundo plano no quadro dos países imperialistas.

A colonização portuguesa na África prossegue. No entanto e só propriamente no século atual foi possível desenvolver a exploração do trabalho e das riquezas naturais africanas. Apoiando-se no controle militar e administrativo exercido pelo Estado português, o capital português e estrangeiro encontra aplicação lucrativa. Nos fins dos anos 20 do presente século, estende-se a economia de plantação — café, sisal, açúcar, algodão, etc. Grandes companhias con-



trolam o comércio externo. Os diamantes constituem uma enorme fonte de lucros. A Companhia Diamang associa capitais portugueses, britânicos, belgas e americanos.

O Estado Novo continuou a exploração colonial depois da queda da I República, reorganizando o modo de funcionamento do Império, de forma a que melhor se ajustasse às concepções políticas e econômicas do regime. Mas, e sobretudo, prossegue a colonização, mantendo os aparelhos da dominação política e estendendo e aprofundando a exploração econômica, dominação e exploração que foram os dois principais contributos portugueses para a história dos povos africanos.

B. Neo-colonialismo.

No entanto, a grande maioria dos países do Terceiro Mundo é independente politicamente desde a primeira metade do século XIX. Mas **esta independência é puramente formal. Por detrás desta situação de aparente independência esconde-se uma dominação política que surge e se mantém através da dependência econômica face ao imperialismo.** Esta dominação toma formas menos diretas que nos países coloniais, mas é igualmente efetiva e, quando as condições o exigem manifesta-se diretamente sem necessidade de simulação. Ela vai desde as simples concessões econômicas que o capital estrangeiro obtém através da sua influência nos governos dos países até à invasão por tropas norte-americanas, quando os povos obtêm vitórias na sua luta pela verdadeira independência.

a) As concessões econômicas.

Em geral os países industrializados concedem empréstimos e "auxílio econômico" aos países onde obtêm determinadas vantagens econômicas que expressam bem, uma dominação política indireta dos governos desses países:

- Redução ou supressão completa das medidas que po-

dem dificultar a importação de mercadorias dos países industrializados.

— Igualdade de direitos entre os monopólios imperialistas e os capitalistas desses países.

— Autorização para levar para os seus países os lucros extraídos.

— Concessões aos monopólios para explorarem os recursos minerais, agrícolas, etc.

— Estabelecimento de tratados comerciais que facilitem a penetração dos monopólios imperialistas nos países subdesenvolvidos, garantindo assim lucros elevados.

b) As concessões político-militares.

Os Estados Unidos, por exemplo, usam diretamente o seu predomínio econômico e político para conseguir o controle político-militar da América Latina através de certas medidas, tais como:

— Participação desses países na política de bloqueio econômico aos países socialistas, especialmente a Cuba.

— Assinatura de acordos militares bilaterais, prévios à concessão de créditos.

— Instalação de bases militares nesses países.

c) A constituição de aliados internos.

Ao longo da história das relações entre as potências imperialistas e os países subdesenvolvidos, aquelas reconheceram que os métodos ocasionais ou externos de pressão não eram suficientes.

Para assegurarem a sua política a longo prazo era-lhes necessário contar com um apoio interno em cada país. A maior parte das vezes este apoio nos países subdesenvolvidos é dado pelos latifundiários e capitalistas monopolistas, que constituem, como vimos, um reduzido grupo da população, mas que dirigem o aparelho de Estado, as forças armadas, a polícia, as instituições jurídicas e administrativas, etc.

Quando estes grupos não conseguem estabelecer uma dominação clara, os países imperialistas não hesitam em usar a sua influência para produzir o aparecimento de grupos militares que lhes dêem maiores garantias de estabilidade (20).

d) As ações para dividir o movimento operário.

O imperialismo estimula a criação de sindicatos reformistas, paralelos aos sindicatos de orientação anti-imperialista.

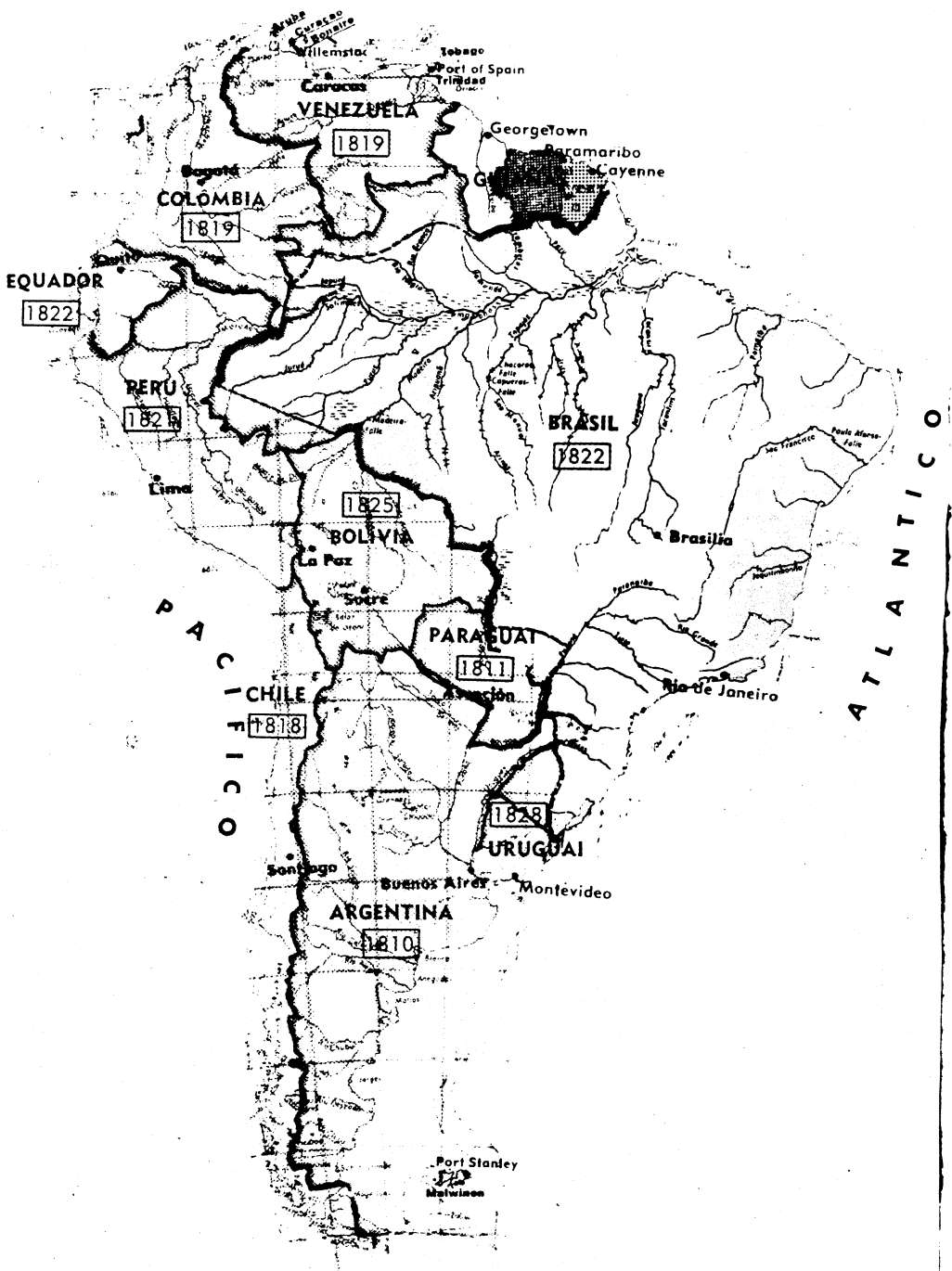
Ainda há pouco tempo os jornais davam notícias das tentativas de penetração em Portugal de uma organização "sindical" internacional, que por toda a parte tem sido acusada de ligações com a CIA, e que se propunha ir "ajudar" os trabalhadores portugueses a organizarem os seus sindicatos.

Nos países em que o povo luta de armas na mão pela sua libertação, apoia os governos fantoches, procura auxiliar organizações que possam controlar como é em Angola o caso do apoio dado pelos americanos à chamada Frente Nacional de Libertação de Angola.

e) O apoio às ditaduras e movimentos reacionários.

Os Estados Unidos têm prestado apoio econômico, político e militar às ditaduras mais sangrentas. Por exemplo, a Rojas Pinilla na Colômbia, Perez Jimenez na Venezuela, Baptista em Cuba, Odria y Manuel Prado no Perú, Stroessner no Paraguai, Van Thieu no Vietnam, Lon Nol no Cambodja, Sukarno na Indonésia, etc. Além do mais, cada vez que surge um governo progressista, os E. U.A. apoiam diretamente ou indiretamente a organização de movimentos

(20) O golpe militar no Chile levado a cabo pelos militares chilenos e burguesia pró-imperialista chilena, mas preparado e apoiado (militar, estratégica e economicamente) pelo imperialismo americano, revela a vontade de esmagar (brutalmente se necessário) os povos que tentam escapar à dependência econômica e política, e à exploração que lhe é inerente.



VENEZUELA

1819

COLOMBIA

1819

EQUADOR

1822

PERU

1825

BRASIL

1822

BOLIVIA

1825

PARAGUAI

1811

CHILE

1818

URUGUAI

1828

ARGENTINA

1810

Port Stanley
Malvinas

reacionários para derrubá-lo. Exemplos disso são os de Goulart no Brasil, Torres na Bolívia e Allende no Chile.

f) **As intervenções diretas**

Quando estes mecanismos não são suficientes, os E. U.A. **não hesitam em empregar diretamente as suas forças Armadas.**

Nos primeiros decênios do século XX houve ataques militares contra o México, Haiti e Nicarágua, em 1954 contra a Guatemala, em 1961 contra Cuba, em 1965 contra São Domingos, desde 1965 contra o Vietnam.

Todas estas ações que o imperialismo desenvolve nesses países são organizadas por intermédio da Agência Central de Informações (CIA), organismo policial do estado norte americano, encarregado a nível internacional de velar pela manutenção do controle político imperialista dos U.S.A., no mundo.

A CIA é uma das muitas armas de que dispõem os imperialistas americanos, é a sua ponta de lança que prepara o terreno para outras atuações. O Imperialismo dispõe de muitas armas e é muito poderoso mas não é invencível. É isso que nos ensina a história da luta dos povos de todo o mundo pela sua emancipação. Um país pequeno como o Vietnam, pode vencer a maior máquina de guerra de sempre, o exército americano. Do mesmo modo os heróicos povos da Guiné-Bissau, Moçambique e Angola fizeram frente durante mais de dez anos e venceram o exército colonial português, poderosamente armado e apoiado pela NATO e pelos racistas sul-africanos e rodesianos.

CONCLUSÃO

Resumindo, podemos dizer que se é certo que o capitalismo se estendeu a todo o mundo, a verdade é que, para a maioria dos países isso só significou atraso, dominação, miséria exceto para uma pequena camada da população aliada do imperialismo. Mais ainda, vemos que o grande desenvolvimento industrial do mundo ocidental só se pode efetuar em prejuízo do chamado mundo "subdesenvolvido" condenando-o ao retrocesso e à miséria.

Três quartos de século depois do começo da era imperialista, as Nações Unidas viram-se obrigadas a admitir que, apesar dos planos de "auxílio" aos países "subdesenvolvidos", os países ricos são cada vez mais ricos e os países pobres vão-se tornando cada vez mais pobres (21).

A divisão atual do mundo em nações industrializadas e em nações "subdesenvolvidas" não é o resultado de um capricho fatal da natureza, de uma distribuição desigual dos recursos naturais, ou de uma densidade relativamente grande ou pequena da população. "Na realidade, a divisão do mundo em nações "ricas" e nações "pobres" só se explica por razões históricas e sociais, e em grande parte pela história do próprio capitalismo" (22).

(21) E. Mandel, "Traité d'Économie Marxiste", Cap. XII: "L'Imperialisme", Vol. II.

(22) E. Mandel, op. cit.

Na descrição que Lenin faz do imperialismo como etapa superior do capitalismo, assinala como característica fundamental a divisão do mundo entre as grandes potências e a partilha do mundo entre os grandes trusts internacionais, para poderem assenhorear-se das fontes de matérias-primas e poderem exportar os capitais que dificilmente podiam ser investidos no seu próprio território. Esta primeira análise do problema tem tido variações e contribuições de importância, no entanto o essencial mantém-se: as relações de exploração a que está submetido o Terceiro Mundo pelas potências imperialistas.

É por isso que estes países não têm nenhuma esperança de sair da sua situação de subdesenvolvimento e de exploração dentro do sistema imperialista.

O caminho para a libertação desses países passa pela ruptura definitiva dos laços que os prendem às potências imperialistas e pela sua participação no processo da revolução socialista mundial.

. . . Só o socialismo pode vencer a fome e converter os escravos em homens livres.



ARGENTINA, URUGUA!, CHILE
morte às ditaduras da América
Latina

RESUMO

Neste caderno de educação Popular procuramos explicar a que é que se deve a situação de "atraso" e "subdesenvolvimento" em que vivem os povos do Terceiro Mundo. Para tal, partimos da descrição breve da situação destes países; vimos então de que maneira pretendem explicar-nos este fenómeno, através da tese do "círculo vicioso da miséria", terminando por fazer a crítica à palavra "subdesenvolvimento", palavra usada pela burguesia para escamotear as verdadeiras causas desta fenómeno. Vimos depois, a necessidade de substituir a palavra "subdesenvolvimento" pela palavra "dependência", que reflete melhor a situação do Terceiro Mundo.

O "desenvolvimento" e o "subdesenvolvimento" são duas faces da mesma moeda. O imperialismo é a face dos países capitalistas "desenvolvidos" e a dependência é a face dos países "subdesenvolvidos", que são explorados através das relações que se estabelecem entre os dois tipos de países.

Estudamos depois, em detalhe, o imperialismo e a dependência, assinalando os mecanismos económicos e políticos que mantêm estas relações de exploração imperialista.